



## Conversas de Mãe - Da arena virtual para a arena política

Renata Garcia Senlle<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho se dedica a investigar de quais maneiras as redes sociais digitais impactam e proporcionam base para a organização de uma maternidade política e politizada, na qual as mães se tornam candidatas às eleições 2018. Por meio de análise netnográfica do uso da hashtag #MãesNaPolítica nas redes sociais, se consolida um mapeamento do perfil das candidatas que a utilizaram e trouxeram pautas direcionadas a maternidades e infâncias nas eleições de 2018 dentro do ambiente digital. Os resultados são verificados à luz de levantamento bibliográfico com teorias feministas que tratam da política maternal, das campanhas políticas maternas e do perfil de mães em campanhas políticas.

**Palavras-chave:** maternidade e redes sociais; maternidade e política; política maternal.

## Conversations of mother – From virtual arena to political arena

### Abstract

This work is dedicated to investigate the ways in which digital social networks impact and provide a basis for the political organization and a politicized motherhood, in which mothers become candidates for the 2018 elections. Through a netnographic analysis of the use of #MãesNaPolítica hashtag in social networks, consolidating a profile map of the candidates who used it and

---

<sup>1</sup> Bolsista CNPQ, mestranda do PPGCOM da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo; Bacharel em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo pela Universidade Anhembi Morumbi; pós-graduada em Comunicação com o Mercado pela ESPM-SP. E-mail: renatasenlle@usp.br

brought political agenda aimed at motherhood and childhood in the 2018 elections within the digital environment. The results are verified using a bibliographic survey with feminist theories that deal with maternal politics, political campaigns of mothers and the profile of mothers in political campaigns.

**Keywords:** motherhood and social network; motherhood and politics; maternal politics.

## Introdução

O objetivo deste artigo é reunir os resultados de pesquisa netnográfica sobre mães candidatas na política durante as eleições 2018 e relacioná-los com um levantamento bibliográfico de referência que aprofunda na análise das mães enquanto sujeitos políticos e enquanto sujeitos retratados em campanhas políticas.

A pesquisa tem início com a observação de três mães ativistas e ex-blogueiras se candidatando pela primeira vez a cargos políticos nas eleições de 2018. O método de investigação utilizado é o da netnografia, que permite ao pesquisador ser a um só tempo, observador e participante de comunidades online as quais investiga, no caso, uma mãe imersa em um grupo de mães ativistas e influenciadoras digitais. Assim, a prática denominada na netnografia/etnografia on-line como *lurking*, literalmente, ficar à espreita (BRAGA, 2008), foi a condição que permitiu a imersão na comunidade pesquisada e a observação de comportamentos com finalidade de investigação acadêmica, porém de forma participativa, quando necessário.

Diferente da etnografia, a netnografia se relaciona a algum fenômeno social geral que tem algum aspecto de grupo na internet ou fenômeno diretamente relacionado a um grupo e cultura online. Para este trabalho, o fenômeno social é a organização das mães candidatas às eleições de 2018, divulgando suas candidaturas por meio da hashtag #MãesNaPolítica que posteriormente será desdobrado em uma análise das candidatas que utilizaram desse expediente e de um levantamento bibliográfico sobre campanhas políticas maternas para avaliar as candidaturas com viés materno, sob uma perspectiva feminista. Num ano de eleições polarizadas no Brasil, cujo uso das redes sociais para desinformação foi recurso bastante utilizado por políticos, é relevante

investigar iniciativas que fizeram outro uso desses meios em uma tentativa de contraofensiva narrativa.

### #MãesNaPolítica: um percurso netnográfico

O percurso de investigação netnográfica das #MãesNaPolítica apresentado aqui seguiu três momentos distintos: o primeiro, com a observação e identificação do possível fenômeno de três mães citadas se candidatando politicamente pela primeira vez. No segundo, com a busca em rede de outras candidatas com perfil correlato, para ter uma amostra mais representativa e para ter conhecimento do contexto em que estavam inseridas. No terceiro, com a organização dos resultados encontrados e considerações em linha com levantamento bibliográfico.

Diante da abordagem netnográfica, ser pesquisadora e estar inserida na comunidade de mães blogueiras e/ou mães ativistas digitais foi a razão de ter sido possível perceber o movimento de mulheres-mães-ex-blogueiras/influenciadores-ativistas digitais maternas, se engajando na política partidária, filiando-se a partidos políticos e lançando suas candidaturas em 2018, bem como utilizando com frequência a hashtag #MãesNaPolítica.

Inicialmente, a identificação aconteceu com três delas: Anne Rammi, autora do antigo blog *Super Duper* e *Mamatraca* e hoje *fanpage Mamatraca*<sup>2</sup>, que foi candidata a codeputada estadual (Bancada Ativista-PSOL-SP), Andrea Werner do blog e da *fanpage Lagarta Virou Pupa*<sup>3</sup>, candidata a deputada federal (PSOL-SP), e a já mencionada Ligia Moreiras Sena, do antigo blog *Cientista Que Virou Mãe*<sup>4</sup>, agora plataforma digital de jornalismo independente e também *fanpage*, que foi candidata a deputada estadual (PSOL-SC).

Referências da chamada blogosfera materna tanto pela ampla audiência que alcançam com seus relatos sobre suas maternidades, quanto pelos seus ativismos digitais em rede (que serão detalhados nas

---

<sup>2</sup> Mamatraca:

[https://www.facebook.com/search/top/?q=mamatraca&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=mamatraca&epa=SEARCH_BOX). Acesso em: 28 fev. 2020.

<sup>3</sup> Lagarta Vira Pupa <http://facebook.com/lagartavirapupa> acesso em 28/02/20

<sup>4</sup> Cientista Que Virou Mãe:

[https://www.facebook.com/search/top/?q=cientista%20que%20virou%20m%C3%A3e&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=cientista%20que%20virou%20m%C3%A3e&epa=SEARCH_BOX). Acesso em: 28 fev. 2020.

entrevistas em profundidade), essas três mulheres lançaram suas candidaturas políticas isoladamente, porém, todas com pautas relacionadas à maternidade e infâncias com viés feminista, alinhadas às políticas progressistas de esquerda, pelo PSOL.

O acompanhamento das postagens delas no Facebook permitiu observar o uso da hashtag #MãesNaPolítica. Assim, com intuito de complementar a busca de candidatas com o perfil de mulheres-mães ativistas digitais maternas com pautas relacionadas à maternidades e infâncias e ter uma amostragem mais relevante, foram utilizadas as hashtags #mãesnapolítica no Facebook e Twitter, além de uma busca na imprensa online e em sites e blogs por matérias e artigos relacionados a temática “mães na política”. Houve 13 resultados encontrados na

imprensa online<sup>5</sup> e 44 no Twitter<sup>6</sup>. A análise dos resultados permitiu encontrar as candidatas com perfis nesses ambientes, que haviam

<sup>5</sup> DINI, Aline. 2018. #MãesnaPolítica: elas querem lutar pelo direito de outras mulheres e mães. Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-elas-querem-lutar-pelos-direitos-de-outras-mulheres-e-maes.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

DINI, Aline. 2018. #MãesnaPolítica: Os políticos não têm ideia da epidemia de abandono paterno que as crianças com deficiência sofrem. Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-os-politicos-nao-tem-ideia-da-epidemia-de-abandono-paterno-que-criancas-com-deficiencia-sofrem.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

ESTEVANS, Gabrielle. 2018. Maternidade e eleições: candidatas querem mais mães na política. Revista AzMina. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/maternidade-e-eleicoes-candidatas-querem-mais-maes-na-politica/>. Acesso em: 29 fev. 2020.

FERREIRA, Lola. 2018. Cinco pontos fundamentais para conhecer Thais Ferreira, pré-candidata no Rio de Janeiro. Gênero Número. Disponível em: <http://www.generonumero.media/novos-nomes-cinco-pontos-fundamentais-para-conhecer-thais-ferreira-pre-candidata-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 29 fev. 2020.

FORCIONI, Giovanna. 2018. #MãesNaPolítica: "Já falaram que eu usava o meu filho para me promover, porque ele é uma criança fofa". Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-ja-falaram-que-eu-usava-o-meu-filho-para-me-promover-porque-ele-e-uma-crianca-fofa.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

FORCIONI, Giovanna. 2018. #MãesNaPolítica: "Já tive que ouvir, na tribuna, que eu não tinha moral para falar porque eu tinha dois filhos, um de cada marido". Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-janaina-riva.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

LISAUSKAS, Rita. 2018. Lute como a minha mãe que é candidata nas eleições desse ano. Blog Ser Mãe é Padecer Na Internet. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/lute-como-a-minha-mae-que-e-candidata-nas-eleicoes-desse-ano/>. Acesso em: 29 fev. 2020.

MALACARNE, Juliana. 2018. #MãesnaPolítica: A morte de Marielle projetou mulheres negras para a esfera política deste ano. Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-taina-de-paula.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

MARQUES, Raquel. 2018. Por mais mulheres na política já. Cientista Que Virou Mãe. Disponível em <https://www.cientistaqueviroumae.com.br/blog/textos/Por-mais-mulheres-na-politica-ja-Como-podemos-tornar-isso-possivel->. Acesso em: 29 fev. 2020.

MELO, Aline. 2018. #MãesNaPolítica: "Talvez não exista um ato político tão contundente quanto criar seres humanos". Revista Crescer. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2018/09/maesnapolitica-talvez-nao-exista-um-ato-politico- tao-contundente-quanto-criar-seres-humanos.html>. Acesso em: 29 fev. 2020.

n.d. 2018. Em São Paulo grupo discute a importância de mães ocuparem a política. Rede Brasil Atual. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/07/em-sao-paulo-grupo-discute-a-importancia-de-maes-ocuparem-a-politica/>. Consultado em 29 de fevereiro de 2020.

n.d. 2018. Lígia Moreiras: acredito mais do que tudo no poder da educação e do acesso à informação. Catarinas. Disponível em: <https://catarinas.info/ligia-moreiras-acredito->

utilizado da hashtag e divulgavam suas pautas relacionadas a maternidades e infâncias. Dessas, 11 integravam a chamada *Bancada de Mães Ativistas*, apoiando a candidatura uma da outra por meio de posts conjuntos, objeto aprofundado em dissertação de mestrado. Por meio de entrevistas em profundidade com essas integrantes, chega-se a indicação de mais dois nomes, verificados posteriormente com agendas relacionadas a maternidades e infâncias: Tati Picanço, candidata a vice-governadora (PSOL-PA) e Hellen Frida, candidata a deputada distrital (PT-DF).

Assim, reúne-se em três tabelas as 20 candidatas encontradas e que nas eleições de 2018 ou utilizaram a hashtag #MãesNaPolítica, ou mencionaram pautas políticas relacionadas a maternidades e infâncias em suas redes sociais digitais ou em entrevistas encontradas na imprensa online.

A primeira tabela contém: (i) sigla do partido e estado, (ii) cargo disputado em 2018; (iii) se 2018 foi a primeira candidatura, (iv) se foram eleitas em 2018. A segunda com os dados sociodemográficos que constam no TSE. E a terceira com a checagem se durante as campanhas políticas utilizaram as três maiores redes sociais: Facebook, Twitter e Instagram, com a identificação dos respectivos perfis.

---

mais-do-que-tudo-no-poder-da-educacao-e-do-acesso-a-informacao/. Acesso em: 29 fev. 2020.

PORTO, Dayse. 2018. Laura Muller - Campanha de Mulher'. Campanha de Mulher. Disponível em: <https://medium.com/@dnporto/laura-muller-campanha-de-mulher-3240073c59e3>. Acesso em: 29 fev. 2020.

<sup>6</sup> Foram consideradas apenas as menções de hashtags referentes a 2018. Disponível em: [https://twitter.com/search?q=%23M%C3%A3esNaPol%C3%ADtica&src=typeahead\\_click](https://twitter.com/search?q=%23M%C3%A3esNaPol%C3%ADtica&src=typeahead_click). Acesso em: 29 fev. 2020.

**Tabela 1** - Lista de mães candidatas com as pautas da maternidade e infância na Política nas Eleições 2018

Nome	(i)	(ii)	(iii)	(iv)
Alessandra Minadakis	PSOL/GO	Deputada Estadual	Sim	Não
Alexya Salvador	PSOL-SP	Deputada Estadual	Sim	Não
Andrea Werner	PSOL-SP	Deputada Federal	Sim	Não
Anne Rammi	Bancada Ativista-PSOL-SP	Codeputada Estadual	Sim	Sim
Cristina Machado	PCdoB-RS	Deputada Estadual	Sim	Não
Hellen Frida	PT-DF	Deputada Distrital	Sim	Não
Ilka Teodoro	PSOL-DF	Deputada Distrital	Sim	Não
Janaina Riva	MDB-MT	Deputada Estadual	Não	Sim
Lana Paula Luna	PSOL/GO	Deputada Federal	Não	Não
Laura Muller Sagrillo	PSOL-MG	Deputada Estadual	Não	Não
Ligia Moreiras Sena	PSOL-SC	Deputada Estadual	Sim	Não
Ludmila Suaid	PSOL/GO	Deputada Distrital	Não	Não
Manuela d'Ávila	PCdoB	Vice-Presidente	Não	Não
Marina Helou	Rede-SP	Deputada Estadual	Sim	Sim
Polly do Amaral	PSOL/MG	Deputada Estadual	Não	Não
Raquel Andrade	PCdoB-CE	Deputada Estadual	Sim	Não
Raquel Marques	Bancada Ativista-PSOL-SP	Codeputada Estadual	Sim	Sim
Tainá de Paula	PcdoB-RJ	Deputada Estadual	Sim	Não

Thais Ferreira	PSOL-RJ	Deputada Estadual	Sim	Não
Tati Picanço	PSOL-PA	Vice-Governadora	Sim	Não

Fonte: elaborada pela autora.

**Tabela 2** - Dados sociodemográficos de mães candidatas com as pautas da maternidade e infância na Política nas Eleições 2018

Nome	Partido	Estado	Sexo	Idade (em 2018)	Grau de Instrução	Estado Civil	Cor/Raça	Município de Nascimento
Alessandra Minadakis <sup>7</sup>	PSOL	GO	Feminino	47	Superior completo	Divorciada	Branca	Goiânia-GO
Alexya Salvador <sup>8</sup>	PSOL	SP	Feminino	39	Superior completo	Casada	Preta	Mairiporã-SP
Andréa Werner <sup>9</sup>	PSOL	SP	Feminino	44	Superior completo	Casada	Branca	Belo Horizonte - MG
Anne Rammi <sup>10</sup>	Bancada Ativista	SP	Feminino	39	Superior completo	Casada	Branca	São Paulo-SP

<sup>7</sup> Dados de Alessandra Minadakis no TSE. Disponível em:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/go/deputado-federal/alessandra-minadakis-5008/>. Acesso em: 16 set. 2019.

<sup>8</sup> Dados de Alexya Salvador no TSE. Disponível em:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-estadual/alexya-salvador-50002/>. Acesso em: 16 set. 2019.

<sup>9</sup> Dados de Andrea Werner no TSE. Disponível em:

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-federal/andrea-werner-5024/>. Acesso em: 16 set. 2019.

<sup>10</sup> Dados de Anne Rammi fornecidos pela candidata em entrevista anexa.

	PSO L							
Cristina Machado <sup>11</sup>	PCdo B	RS	Femi nino	42	Superi or compl eto	Solteir a	Branc a	Pelotas- RS
Hellen Frida <sup>12</sup>	PT	DF	Femi nino	29	Superi or incom pleto	Solteir a	Parda	Feira de Santana -BA
Ilka Teodoro <sup>13</sup>	PSO L	DF	Femi nino	42	Superi or compl eto	Casad a	Preta	Brasília -DF
Janaina Riva <sup>14</sup>	MDB	MT	Femi nino	31	Superi or compl eto	Solteir a	Branc a	Juará- MT
Lana Paula Luna <sup>15</sup>	PSO L	GO	Femi nino	40	Ensino médio compl eto	Casad a	Branc a	Belém- PA
Laura Muller	PSO L	MG	Femi nino	32	Superi or incom pleto	Solteir a	Branc a	São Sepe- RS

<sup>11</sup> Dados de Cristina Machado no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rs/deputado-estadual/cris-machado-65658/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

<sup>12</sup> Dados de Helen Frida no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/df/deputado-distrital/hellen-frida-13180/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

<sup>13</sup> Dados de Ilka Teodoro no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/df/deputado-distrital/ilka-teodoro-50442/>. Acesso em: 16 set. 2019.

<sup>14</sup> Dados de Janaina Riva no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/mt/deputado-estadual/janaina-riva-15015/>. Acesso em: 24 abr. 2020.

<sup>15</sup> Dados de Lana Paula Luna no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/go/deputado-federal/ana-luna-5055/>. Acesso em: 16 set. 2019.

Sagrillo <sup>16</sup>								
Ligia Moreiras Sena <sup>17</sup>	PSOL	SC	Feminino	41	Superior completo	Solteira	Branca	São Paulo-SP
Ludmila Suaid <sup>18</sup>	PSOL	GO	Feminino	41	Superior completo	Solteira	Preta	Brasília-DF
Manuela d'Ávila <sup>19</sup>	PCdoB		Feminino	38	Superior Completo	Casada	Branca	Porto Alegre-RS
Marina Helou <sup>20</sup>	Rede	SP	Feminino	32	Superior completo	Casada	Branca	São Paulo-SP
Polly do Amaral <sup>21</sup>	PSOL	MG	Feminino	41	Superior completo	Casada	Branca	Manhuaçu-MG

16 Dados de Laura Muller Sagrillo no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/mg/deputado-estadual/laura-muller-50121/>. Acesso em: 16 set. 2019.

17 Dados de Ligia Moreiras Sena no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sc/deputado-estadual/ligia-moreiras-50180/>. Acesso em: 16 set. 2019.

18 Dados de Ludmila Suaid no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/df/deputado-districtal/ludmila-suaid-50180/>. Acesso em: 16 set. 2019.

19 Dados de Manuela D'Ávila no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/vice-presidente/manuela/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

20 Dados de Marina Helou no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-estadual/marina-helou-18888/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

21 Dados de Polly do Amaral no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/mg/deputado-estadual/polly-do-amaral-50010/>. Acesso em: 16 set. 2020.

Raquel Andrade <sup>22</sup>	PCdoB	CE	Feminino	34	Superior completo	Solteira	Preta	Rio de Janeiro - RJ
Raquel Marques <sup>23</sup>	Bancada Ativista-PSO L	SP	Feminino	40	Superior Completo	Solteira	Parda	Santos-SP
Taina de Paula <sup>24</sup>	PCdoB	RJ	Feminino	37	Superior completo	Casada	Preta	Rio de Janeiro-RJ
Thais Ferreira <sup>25</sup>	PSO L	RJ	Feminino	31	Superior completo	Solteira	Preta	Rio de Janeiro-RJ
Tati Picanço <sup>26</sup>	PSO L	PA	Feminino	35	Superior completo	Casada	Indígena	Obidos-PA

Fonte: elaborada pela autora

22 Dados de Raquel Andrade no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/ce/deputado-estadual/raquel-andrade-65444/>. Acesso em: 09 jul. 2020.

23 Dados de Raquel Marques no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-estadual/monica-da-bancada-ativista-50900/>. Acesso em: 16 set. 2019.

24 Dados de Tainá de Paula no TSE. Disponível em: Acesso em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rj/deputado-estadual/taina-de-paula-65013/>. Acesso em: 22 abr. 2020

25 Dados de Thais Ferreira no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/rj/deputado-estadual/thais-ferreira-50010/>. Acesso em: 02 set. 2019.

26 Dados de Tati Picanço no TSE. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/pa/vice-governador/tati-picanco/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

**Tabela 3** – Relação das Redes Sociais utilizadas nas eleições 2018 pelas candidatas

Nome	Facebook	Twitter	Instagram
Alessandra Minadakis	@alessandraminadakis50	@aleminadakis	@alessandraminadakis
Alexya Salvador	@alexyasalvadoroficial	@AlexyaSalvador	@alexyasalvadoroficial
Andrea Werner	@andreawerneroficial	@andreawerner_	@andreawerner_
Anne Rammi	@annedabancada (desativado)	@annerammi	@annerammi
Cristina Machado	@crismachado65	Não tem	@crismachado65
Hellen Frida	@hellenfridadf	@hellenfridadf	@hellenfridadf
Ilka Teodoro	@ilkateodorodf	@ilkateodorodf	@ilkateodorodf
Janaina Riva	@janainarivamt	@janainarivamt	@janainariva
Lana Paula Luna	@50LanaLuna	@lanalunapsol	@lanapaulaluna
Laura Muller Sagrillo	@doulalauramullers	@laurasagrilo	@lauramullers
Ligia Moreiras Sena	@cientistaqueviroumae	@cqymae	@cientistaqueviroumae
Ludmila Suaid	@LudmilaSuaid	Não tem	@ludmilasuaid
Manuela d'Ávila	@manueladavila	@ManuelaDavila	@manueladavila

Marina Helou	@eusouhelou	@marina_helou u	@marina.helou
Polly do Amaral	@pollydoamaral	@pollydoamaral	@pollydoamaral
Raquel Andrade	Não tem	@65RaquelAndrade	Não tem
Raquel Marques	@raqueldabancada	@RaquelMarquesSP	@raquelmarquessp
Tainá de Paula	@tainadepaularj	@tainadepaularj	@tainadepaularj
Thais Ferreira	@southaisferreira	@southaferreira	@sou_thaisferreira
Tati Picanço	@tatiannepsol	Não tem	Não tem

Fonte: elaborada pela autora

A análise do uso da hashtag #MãesNaPolítica levou ao encontro de postagens de candidatas que traziam como diferencial o viés das maternidades e infâncias em seus compromissos políticos e uma fala que politiza a maternidade e tensiona os lugares dos atores na política institucional. É desse modo que o ciberfeminismo, que pensou uma política-feminista-socialista utópica pelas novas tecnologias (HARAWAY, 2009), encontra eco no feminismo contemporâneo, que ganha relevância e recoloca o feminismo como movimento social de destaque a partir do amplo compartilhamento das narrativas pessoais por meio das temáticas feministas nas redes sociais, muitas delas agregadas em torno de hashtags. Por meio dessas novas tecnologia, as mulheres encontram novos potenciais artísticos, ativistas e políticos.

Eis, portanto, a importância de perpassar o feminismo para olhar para a comunicação com seu “papel da comunicação na vida política e do espaço em que se trocam os discursos discrepantes dos atores que, em democracia, têm oportunidade de se expressar publicamente” (SILVEIRINHA, 2001). A presença de candidatas que se autodefinem ‘mães na política’ e divulgam agendas políticas relacionadas a esses temas nubla o que, no senso comum, se considera privado ou público e

quais são os sujeitos que usualmente são legitimados como sujeitos políticos.

Mesmo reconhecendo a utilidade das distinções entre sistema e mundo da vida, público e privado, consideram que Habermas, ao excluir por exemplo o lar e a economia da esfera pública, suprime sistematicamente a questão da gestão democrática das relações homem/mulher e das relações de produção. A crítica não é tanto relativamente às linhas que separam público e privado, mas sobre aquilo a que elas conduzem: junção de 'homem proprietário' e de 'cidadão' leva às noções de 'homem público' e 'mulher privada', circunscrevendo as mulheres para o domínio privado e assim legitimando sua opressão e exploração nesse domínio. A concepção burguesa e masculina de esfera pública, como diz Nancy Fraser, remete as mulheres para um "reino a-político" de intimidade e isolamento, erguendo novas barreiras à sua participação dentro das estruturas políticas formais. Além disso, a privatização das questões das mulheres como 'pessoais ou domésticas' não deixa ver que "a identidade de gênero é vivida em todas as arenas da vida: trabalho assalariado, administração pública, cidadania, relações familiares e sexuais (FRASER, 1989, p. 127 *apud* SILVEIRINHA, 2001).

A breve conceituação de esfera pública sob a perspectiva da teoria crítica feminista é importante, pois está em linha com o tensionamento feito pelas candidatas que trazem as maternidades e infâncias, até então relegadas ao âmbito privado, como pauta política primordial. Isso marca uma reivindicação não apenas pelo espaço público, feita por meio das novas mídias que proporcionam esse lugar, mas também do espaço político partidário. Se em momentos anteriores do movimento pela emancipação feminina as mulheres buscaram seus direitos à educação, ao voto, à abolição, aos direitos civis, ao divórcio, enfim, ao seu direito na cena pública, agora a participação na cena política também é objeto de luta. E a reivindicação por mais mães na política se mostra um desdobramento da luta por mais mulheres na política institucional, um reduto ainda majoritariamente masculino, e que em 2018 se fez mais visível.

Segundo o estudo de abrangência nacional, Perfil das Mulheres na Política (ME FAREI OUVIR, 2020) essa é uma realidade mundial: dados da União Interparlamentar mostram que apenas 24% de todos os parlamentares mundiais são mulheres. E no Brasil, mesmo com a Lei Eleitoral de 2009, que obriga os partidos a destinar 30% das candidaturas para cada gênero, ainda há enormes desigualdades. Em 2018, as mulheres representavam somente 16% do total de políticos eleitos no país, mesmo somando 52% da população geral. Em 2019, no Brasil, éramos 50% da população, 30% dos candidatos e 15% dos integrantes do legislativo nacional, com apenas uma deputada federal indígena e somente 13 negras. E em 25% das câmaras municipais não há sequer uma mulher (ME FAREI OUVIR, 2020). “Frente a este confisco de representação política por parte dos homens, com frequência se aventa a ideia de que o mundo político se constitui a última fortaleza masculina, a esfera mais machista, mais fechada às mulheres” (LIPOVETSKY, 2012, p. 258 *apud* PANKE, 2016. p. 54).

Fechada às mulheres e às mulheres-mães, com suas demandas particulares. A maternidade pode ser tanto motivação para o envolvimento cidadão e político, quanto justificativa para sua recusa, pelas diversas sobrecargas domésticas, que normalmente recaem às mulheres, vindas com o papel de mãe. Contudo, os resultados da pesquisa Perfil das Mulheres na Política (ME FAREI OUVIR, 2020) trazem um recorte focado na maternidade, no qual as respondentes mães se mostram levemente mais inclinadas a se candidatar a cargos políticos do que as mulheres que não são mães. E 47% delas dizem que pretendem se candidatar ou talvez se candidatem (ME FAREI OUVIR, 2020). Uma das motivações para a entrada das mães na política parece ser o senso de urgência para ter acesso a políticas públicas que mudem a realidade das famílias. Como o caso da ex-presidente do Chile, Michelle Bachelet, que usou de suas experiências para pensar em aumento do número de creches e ampliar os direitos de as mulheres amamentarem no trabalho (ME FAREI OUVIR, 2020).

No Brasil, uma representante desse movimento das #MãesNaPolítica é a ex-deputada federal e candidata a vice-presidente da República em 2018, Manuela d’Ávila (na chapa PT/PCdoB). Em 2018, durante toda a campanha política como candidata a vice-presidente, foi vista com frequência com sua filha Laura na cena política. E mesmo antes disso essa visibilidade foi questionada, como quando

amamentou sua filha no plenário da Câmara dos Deputados. Uma matéria do jornal *El País* (BEDINELLI, 2016) aponta o episódio de Manuela d'Ávila e traz mais casos de outros países em que houve uma contraofensiva machista em torno da amamentação no plenário, demonstrando como historicamente os corpos de mulheres e crianças são reservados ao espaço doméstico e como a cena pública política rechaça as tentativas de visibilidade.

A política, enquanto território de disputas de poder e majoritariamente masculino, está formatada por dinâmicas dos homens: horários, modos de atuação, de negociação. Assim, ainda que a luta feminina pela igualdade seja recente, com menos de um século na América Latina, a voz de líderes em vários países está abrindo caminho para a naturalização da presença das mulheres não apenas como representantes populares eleitas, mas também como as líderes que estão nas mesas de decisão. As principais barreiras para a entrada das mulheres são: conseguir apoio no partido, financiamento de campanha, obter uma equipe de confiança (alcançar preparação de media training, leis, comunicação) e superar o machismo oriundo de homens e de mulheres (ao sair para uma campanha, ter força para enfrentar as pressões inerentes ao embate e às pressões oriundas de sociedades que desvalorizam a presença das mulheres nestes espaços (PANKE, 2016, p.74).

O uso da hashtag #MãesNaPolítica agrega algumas das postagens realizadas pelas candidatas que indiciam as pautas das maternidades e infâncias, além de um alinhamento com o feminismo, enquanto teoria e movimento sócio-político, que é um diferencial de posicionamento político importante, por trazer o viés de que não basta apenas ter mais representatividade feminina com mulheres-mães em espaços de poder.

Por alinhamento ao feminismo, entende-se que elas reconheçam as desigualdades de gênero que estruturam a sociedade e as incluam nas suas agendas políticas, ainda que nem sempre mencionem a palavra feminismo em suas campanhas. Mas que sinalizem as diversas sobrecargas que recaem para as mães numa sociedade patriarcal – para além das pautas consideradas essencialistas, como a gestação, parto e

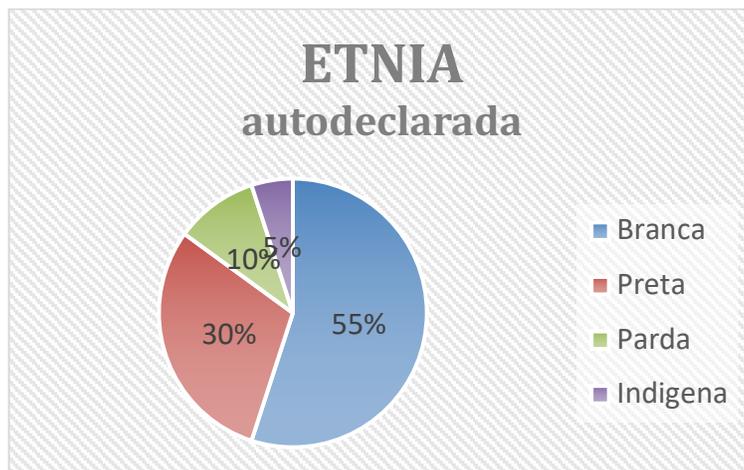
amamentação – que por sua vez a constroem como um sujeito ‘apolítico’, (SILVEIRINHA, 2001), embora responsável por grande parte da reprodução e manutenção da vida durante toda a prática da maternidade.

Ao utilizar os recursos das redes sociais digitais em múltiplas plataformas – hashtags, transmissões de eventos ao vivo, posts compartilhados, etc. –, para abordar questões até então relegadas ao ambiente privado e tornadas tarefas de responsabilidades individuais das mães, as candidatas que integram o corpus de #MãesNaPolítica, criam um outro regime de visibilidade e representatividade, marcando um momento que politiza as questões relacionadas à maternidades e infâncias. À medida em que começam a dizer de suas existências em primeira pessoa, dão voz às mães enquanto sujeitos políticos, e não mais a sujeitos infantilizados, dado que etimologicamente descende de *infans*, “aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos” (GONZALES, 1984).

### **Das campanhas políticas maternas e o perfil de mães em campanhas políticas**

O Facebook, com o recurso da *fanpage*, é majoritariamente o mais utilizado nas campanhas políticas de 2018 entre as 20 candidatas encontradas. Pode-se dizer que ao menos 10 estados brasileiros tiveram uma candidata com uma abordagem de campanha política com pautas relacionadas a maternidades e infâncias que fizeram uso das redes sociais digitais, além de uma representação nacional, com a candidatura de Manuela d’Ávila a vice-presidência. A idade delas está entre 29 a 47 anos, e a maioria têm ensino superior completo, com exceção de duas delas com superior incompleto e uma com ensino médio completo. A diversidade étnica tem um destaque representativo de: 55% de candidatas brancas (11), 30% pretas (6), 10% parda (2) e 5% indígena (1).

**Figura 2** - Gráfico de cor/raça das candidatas das Mães na Política nas eleições 2018



Fonte: elaborada pela autora

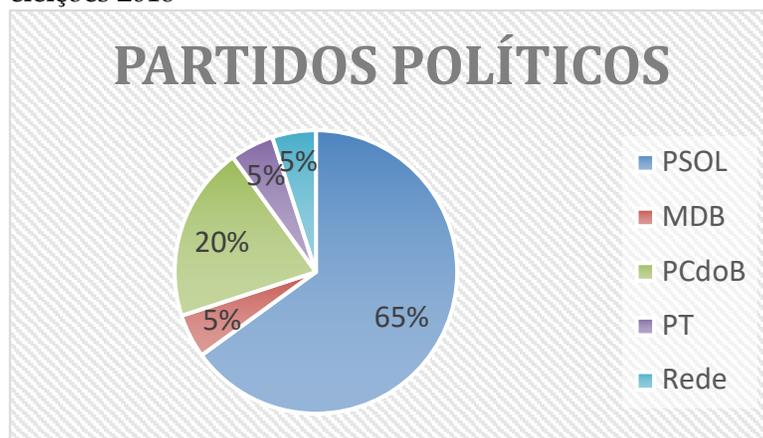
Com relação ao partido político, vale mencionar que a maioria deles estão alinhados ideologicamente ao posicionamento político de esquerda, com o PSOL sendo o partido que traz maior presença das candidatas analisadas, seguido do PCdB e do PT. O MDB é o único partido de centro que figura entre as candidaturas. Já a Rede, de uma das candidatas, tem uma trajetória marcada pela indefinição de alinhamento político ideológico<sup>27</sup>.

Aprofundar na dimensão ideológica é relevante pois, historicamente, “os partidos de esquerda foram os primeiros a incluir algum tipo de norma interna voltada para ampliar a participação de mulheres” (ARAÚJO, 2005). O gráfico de representação partidária entre as 20 candidatas confirma a clivagem ideológica, na qual “os partidos de esquerda apresentam números bem mais significativos que os de

<sup>27</sup> Verbete sobre o posicionamento da Rede, disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rede-sustentabilidade>. Acesso em 9/7/20 E 2019, a Rede formalizou sua participação no bloco de esquerda juntamente ao PT, PSOL e PSB em oposição ao recém-empossado governo de extrema direita de Jair Bolsonaro (PSL). Disponível em: <https://pt.org.br/pt-psol-psb-e-rede-formalizam-bloco-de-esquerda-em-oposicao-a-bolsonaro/> Acesso em 9/7/20.

centro e de direita e os partidos de centro apresentam índices mais elevados que os de direita” (ARAÚJO, 2005).

**Figura 3** - Gráfico dos partidos políticos das mães candidatas nas eleições 2018



Fonte: elaborada pela autora

Araujo (2005) menciona um dado relevante quando se pensa a análise das mulheres-mães candidatas:

os registros relacionados às mulheres nos programas partidários de alguns desses partidos ainda surgem tendo como forte referência à sua condição de mãe e instrumento de sustentação e reprodução de valores familiares e não à sua condição de sujeitos políticos configurados independentemente da maternidade e/ou da família (ARAÚJO, 2005).

A passagem pode indiciar que comumente se considera para representar em partidos políticos a mãe idealizada, abnegada, que se sacrifica em nome dos demais, agradecida e sem exigências, registrada por vários autores e filósofos, “em especial no século XVIII, no papel de esposa-mãe-educadora” (PANKE, 2016, p.139). E sinaliza que no senso comum, ser mãe não é considerado sinônimo de ser um sujeito político, tanto quanto as necessidades relativas à maternidade não se inserem em pautas políticas.

A ‘Mãe’ também é um dos estereótipos mais frequentes de como são retratadas as mulheres em campanhas eleitorais para mulheres,

assim como também é recorrente o uso de uma tipologia ‘maternal’ como estratégia de propaganda eleitoral onde prevalecem determinados perfis entre as candidatas (PANKE, 2016). Analisando spots eleitorais de 21 campanhas presidenciais na América Latina para identificar como as candidatas apareciam nos vídeos Panke (2016) chega a três tipologias principais: a guerreira, a maternal e a profissional.

O perfil da guerreira é o da mulher que “se destaca por tomar iniciativas e atuar politicamente para as mudanças sociais” (PANKE, 2016, p.133). Contudo, quando a mulher se torna mãe também se evidenciam lutas específicas dessa relação que aproximam a tipologia da guerreira juntamente a da mãe. “Vemos muitas mães criarem os filhos sozinhas, sem apoio emocional ou financeiro dos pais, demonstrando com isso uma garra implacável que pode ser aplicável à vida pública. Nesse sentido, as imagens de guerreira e mãe se encontram” (PANKE, 2016, p.133).

Já a tipologia da candidata ‘Maternal’ está em linha com a supervalorização da maternidade como o ápice da construção social das mulheres. Segundo Panke (2016, p.135), as candidatas com essa estratégia “acabam mencionando esse fato em detrimento de seus êxitos profissionais”, como aconteceu com a construção da relação da candidata Dilma Rousseff na qual a maternidade apareceu de maneira simbólica em alguns momentos de suas campanhas a presidência de 2010 e 2014, quando é apresentada como ‘mãe do PAC – Plano de Aceleração do Crescimento’ (PANKE, 2016, p.137). Uma das características associadas a essa tipologia é a campanha eleitoral reforçar o comportamento atencioso, cuidador e defensor de outras mulheres, principalmente na América Latina, que “seria um indício de um discurso voltado ao maternalismo” (PANKE, 2016, p.140).

Um dos diferenciais entre uma campanha masculina/feminina residiria exatamente neste aspecto que evidencia o sensível. Enquanto estamos em uma sociedade onde um homem é obrigado a ser forte e a sensibilidade está relacionada com fraqueza, caberá às mulheres ensinar que a sensibilidade é positiva, pode e deve conviver nos espaços de decisão pública (PANKE, 2016, p.147).

Já o perfil da ‘Profissional’ é o menos evidenciado nas campanhas latinas. A questão que se aventa é a de que “a ênfase das

candidatas latino-americanas no papel de mães seria uma nova forma de apresentar o paternalismo ou se estaria nascendo o maternalismo latino-americano?" (PANKE, 2016, p. 164).

## Considerações

A questão levantada por PANKE (2016) ainda segue em suspenso e a presença dessas 20 candidatas segue como possível objeto de estudo para investigar a hipótese. Entre todas, quatro foram eleitas em 2018: Anne Rammi (co-deputada estadual em São Paulo pela Bancada Ativista), Janaína Riva (deputada estadual pelo MDB-MT), Marina Helou (deputada estadual pela Rede-SP) e Raquel Marques (co-deputada estadual em São Paulo pela Bancada Ativista), comprovando a maior inclusão de mulheres nos partidos de esquerda e de centro.

Neste trabalho não foi esmiuçada cada agenda política dessas mulheres para checar o alinhamento a uma possível versão maternalista de política, na qual o trabalho de cuidado tornaria as mulheres moralmente superiores (BADINTER, 2011), bem como qual foi a tipologia que se sobressai em suas campanhas políticas, ou mesmo quais são os principais enunciados relacionados às "mães" trazidos por elas. Contudo, quando pautam agendas de mudança social para maternidades e infâncias da perspectiva da mãe, fazem uso de um dos pontos da teoria feminista matricêntrica, cunhada por O'Reilly (2016), que considera o potencial da prática da maternidade para motivações de engajamento com incidência política.

Mas entende-se que é preciso politizar questões relacionadas a maternidade e ao trabalho de cuidado doméstico pelo viés feminista, para pensar em políticas públicas que não incorram na reprodução dos estereótipos de gênero, dado que o Brasil acumula altas taxas de abandono paterno<sup>28</sup>, uma enorme quantidade de famílias chefiadas por mulheres<sup>29</sup>, amplo percentual de mulheres sendo majoritariamente responsáveis pelos cuidados de crianças e idosos, gerando uma

---

<sup>28</sup> Há 5,5 milhões de crianças brasileiras sem o nome do pai na certidão de nascimento, segundo (Dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), com base no Censo Escolar de 2011).

<sup>29</sup> Entre 2005 e 2015, o número de famílias compostas por mães solo subiu de 10,5 milhões para 11,6 milhões. (Dados do IBGE, 2017).

sobrecarga para as mulheres em consequência dessa divisão sexual de trabalho<sup>30</sup>.

Desse modo, o ambiente das redes sociais digitais é relevante para abrir discussões a respeito dessas temáticas, para promover conexão em torno de um tema, como a hashtag #MãesNaPolítica e para investigar fenômenos sociais da contemporaneidade, como a reivindicação das mães enquanto sujeitos políticos visando representação na política institucional.

## Referências

- ARAÚJO, Clara. Partidos políticos e gênero: mediações nas rotas de ingresso das mulheres na representação política. *Revista Sociol. Polit.*, Curitiba, v. 24., p.193-215, jun. 2005.
- BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BEDINELI, Talita. O que acontece quando se amamenta no Congresso? *El País*, 13 jan. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/politica/1452720755\\_219340.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/13/politica/1452720755_219340.html). Acesso em: 25 jun. 2020.
- BRAGA, Adriana. *Personas materno-eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244. 1984.
- HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Antropologia do Ciborque: As Vertigens do Pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

---

<sup>30</sup> De 10,3 milhões de crianças brasileiras com menos de 4 anos em 2015, 83,6% (8,6 milhões) tinham como primeira responsável uma mulher (mãe biológica, criação ou madrasta). (Dados da PNAD, 2015). As mulheres que trabalham fora de casa dedicam 18,5 horas semanais às tarefas de casa, filhos e idosos. Os homens que trabalham fora dedicam, 10,4 horas (Dados da PNAD continua 2019). Homens dedicam 11 horas semanais, contra 21 horas, em média, das mulheres em relação aos afazeres domésticos, considerados trabalho invisível (Dados da PNAD contínua de 2019).

ME FAREI OUVIR. *Perfil das Mulheres na Política*. 2020. Disponível em: [https://www.mefareiouvir.com.br/wpcontent/uploads/2020/02/ENP\\_MFO\\_RELAT%C3%93RIO\\_PESQUISA\\_V4.pdf](https://www.mefareiouvir.com.br/wpcontent/uploads/2020/02/ENP_MFO_RELAT%C3%93RIO_PESQUISA_V4.pdf). Acesso em: 25 jun. 2020.

O'REILLY, Andrea. *The baby out with the bathwater: the disavowal and the disappearance of motherhood in 20th and 21st century academic feminism*. 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/30059534/\\_the\\_baby\\_out\\_with\\_the\\_bathwater\\_the\\_disavowal\\_and\\_disappearance\\_of\\_motherhood\\_in\\_20th\\_and\\_21st\\_century\\_academic\\_feminism\\_2016](https://www.academia.edu/30059534/_the_baby_out_with_the_bathwater_the_disavowal_and_disappearance_of_motherhood_in_20th_and_21st_century_academic_feminism_2016). Acesso em: 29 mar. 2019.

PANKE, Luciana. *Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências*. 1. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2016.

SILVEIRINHA, Maria João. O Feminismo e os Estudos dos Media: em busca da ligação necessária. *Revista Faces de Eva*, n. 6, p. 65-84, 2001.